

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

BROKEBACK MOUNTAIN

DE ASHLEY ROBINSON, A PARTIR DO CONTO DE ANNIE PROULX
MÚSICA DAN GILLESPIE SELLS ENCENAÇÃO DANIEL GORJÃO

**Dois homens
atravessam o
mesmo silêncio,
sem saber que
a ausência de
palavras pode ser
o início de tudo.**

**Não se encontram: colidem. Como se
o acaso — ou o destino — os tivesse
deixado ali, suspensos entre o céu
e a terra, para aprenderem o que o
mundo não ensina.**

O amor, quando chega, não pede licença. É matéria obscura, interdita, que se entranha no corpo como a memória do fogo. A montanha não os julga — apenas escuta. E guarda, para sempre, o que nenhum deles poderá dizer em voz alta.

Brokeback Mountain é uma meditação sobre o desejo, o medo e a perda — e sobre a vastidão secreta onde, por vezes, o coração escolhe arder.



“ESTE TEXTO DIALOGA PERFEITAMENTE COM O TEMPO PRESENTE”

DANIEL GORJÃO

Entrevista por Sônia Castro

O que o motivou a encenar *Brokeback Mountain*?

O Diogo Infante viu este espetáculo em Londres e propôs que eu o encenasse. Eu já conhecia o filme, de que gosto imenso. Também gostei da versão teatral que me foi dada a ler e aceitei o desafio de encenar o espetáculo.

Esta é uma história muito conhecida do público, que também terá visto *Brokeback Mountain* no cinema. Que responsabilidades sente ao encenar um texto que já existe no imaginário coletivo de forma tão presente?

Existe sempre uma responsabilidade. Já não é a primeira vez que trabalho um texto que já esteve no cinema. Tal como em *Tudo Sobre a Minha Mãe*, de Pedro Almodóvar [espetáculo apresentado em 2023, no São Luiz Teatro Municipal], há sempre a memória coletiva. As pessoas têm uma memória do filme *Brokeback Mountain* e uma relação com o objeto cinematográfico. Eu espero que sejam surpreendidas com aquilo que é a peça de teatro, que, obrigatoriamente, não pode ser uma cópia do filme, nem eu pretendo isso. Distancio-me até bastante daquilo que é o filme, do ponto de vista da estética e da narrativa, no sentido em que não estou a trabalhar num realismo que o cinema exige. Estou a trabalhar de outra forma e com outras premissas para com os atores. Portanto, vai ser muito diferente.

O que o teatro pode acrescentar a esta história que o cinema não pode?

O teatro tem sempre a magia do corpo presente, dos atores estarem à nossa frente, deste momento que apenas acontece aqui, é único e não é repetível. Para mim, o que o teatro acrescenta verdadeiramente é estarmos perante estes atores e estes corpos a contar-nos esta história. É a grande diferença. Neste momento em que estamos num mundo tão digital e tecnológico, o teatro

obriga-nos a estar juntos, e talvez seja isso que o público procura hoje: essa verdade imediata, esse encontro raro, esse instante que não pode ser reproduzido.

De que forma o conto de Annie Proulx continua a dialogar com o presente, apesar de estar ancorado num outro tempo e lugar?

O texto dialoga completamente com a atualidade, com a ascensão da extrema-direita, com as vidas a serem reprimidas, com as vontades e com as liberdades a serem atacadas como são hoje. Cada vez mais vemos isso um pouco por todo o mundo. Não tenho qualquer dúvida de que este texto dialoga perfeitamente com o tempo presente.

A figura do cowboy é tradicionalmente associada a uma ideia muito rígida de masculinidade. Como trabalhou esse confronto com a fragilidade das duas personagens principais?

Este espetáculo fala exatamente dessa performance de masculinidade a que as personagens se sentem obrigadas. Há uma espécie de código rígido, quase uma armadura social, que define como um homem deve agir, falar, existir. Mas, ao mesmo tempo, são dois homens profundamente sensíveis, capazes de ternura e de delicadeza, e é nesse contraste que a peça se torna tão poderosa. O mais bonito é que, quando estão recolhidos na montanha e acreditam que ninguém os observa, eles desmontam essa performance, que eu diria até que é uma forma de masculinidade tóxica. Ali, longe do olhar dos outros, deixam de representar. São apenas humanos: ternos, amorosos, frágeis, inteiros. Para mim, mais do que falar de amor, porque isso a peça faz inevitavelmente, este espetáculo fala sobretudo do medo. Do medo do julgamento de assumir quem se é e de



viver plenamente aquilo que se sente, num mundo que insiste em impor limites ao desejo e à liberdade.

Como é que a proximidade do público na Sala Estúdio influencia a forma de trabalhar cenas de grande intimidade?

Nunca parei para trabalhar essas cenas. Fomos trabalhando e tentando explorar cada cena. Fui dando espaço e tempo aos atores – essencialmente tempo – para que eles conquistassem essa intimidade um com o outro. Foi uma busca essencialmente deles, como acredito que tem de ser sempre. Não pode ser uma imposição de quem está a dirigir. Os atores fazem quando acharem que devem fazer e que estão preparados para fazê-lo. O espetáculo tem ainda esta curiosidade de acontecer nesta

sala muito pequena, onde o público está muito próximo. Existe esse ponto do realismo: não dá para disfarçar, não dá para não fazer. É real, é verdadeiro, mas é a verdade deles.

Que experiência espera que o público leve consigo após o espetáculo?

A grande tragédia do espetáculo é o facto destas vidas não serem vividas em pleno. Por isso, espero que o público saia daqui a refletir que, olhando para o lado, pode encontrar uma pessoa que ainda não consegue viver a sua vida de uma forma livre e honesta, porque se sente aprisionada socialmente. Espero que pensem que isso pode estar a acontecer ao nosso lado e que temos de olhar para o outro com tolerância e empatia, para que não aconteça em 2026 o mesmo que acontecia em 1950.





BROKEBACK MOUNTAIN

SALA ESTÚDIO . 19 FEV A 5 ABR. QUA A DOM 19:00

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

De **Ashley Robinson**, a partir do conto de **Annie Proulx**

Tradução **Ana Sampaio**

Música **Dan Gillespie Sells**

Encenação e direção plástica **Daniel Gorjão**

Assistente de encenação **Maria Jorge**

Com **Carla Galvão, Duarte Melo, Joana Ribeiro, João Candeias e Rui Pedro Silva**

Desenho de luz e direção técnica **Sara Garrinhas**

Direção musical **Miguel Lucas Mendes**

Vídeo de cena **Rafael Bernal**

Execução de cenografia **FPSolutions**

Direção de cena **Pedro Viegas**

Operação de som, luz e vídeo **António Oliveira**

Fotografia de cartaz **Pedro Macedo - Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Produção executiva **Teatro do Vão**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Teatro do Vão, Cine-Teatro São Pedro de Alcanena e Cine-teatro Paraíso**

Apoios **Fundação GDA, HAVAS, Verdade Productions, Levi's, Portuguese Shoes, TMG Textiles, Petratex, HURRICANE, PC Footwear, JJ Heitor, Bica do Sapato, Quinta de Adorigo, CPBC - Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo**

Mecenas **Entre gestos de generosidade e crença neste projeto, várias pessoas contribuíram com donativos que ajudaram a dar vida a este espetáculo.**

Agradecimentos **Rita Dinis, Showpress, Teatro Praga, Raquel Gomes da Costa, APICCAPS, Violeta Mandillo, André Conceição, Maria Carvalho e José Manuel Gonçalves**

Esta produção foi licenciada por acordo com a CPK Artists LLC, 11 Riverside Drive, #13UW, New York, NY 10023 (charles@cpkartists.com) e The Agency (London) Ltd, 24 Pottery Lane, London, W11 4LZ (info@theagency.co.uk).

BROKEBACK MOUNTAIN foi produzido pela primeira vez no @sohoplac, Londres, a 10 de maio de 2023.

CONVERSA COM O PÚBLICO . 8 MAR . APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Adriano Filipe e Sónia Castro**

Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Raquel Caetano**

Iluminação **Pedro Gonçalves** (Responsável) e **Alexandre Jerónimo** Som **Rui Santos** (Responsável) e

António Oliveira Palco **Joana Margarida, Tatiana Damaya e Tiago Areia** Receção/Bilheteira **Simão**

Mendes Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza **Helena Gameiro**
(Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria/Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



PARCEIROS TEATRO DA TRINDADE INATEL

fonte viva



o meu

telapark

o meu

o meu

o meu

MEDIA PARTNER

tv

APOIOS

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

Associação

m16
2026